

**A categorização e a recategorização do
frame Acre no processo de referenciação
de uma desnotícia**

*[The frame Acre's categorization and
recategorization in a desnotícia
referention process]*

KARINE SILVEIRA

Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES,
Vitória, Espírito Santo, Brasil; CAPES.
[karineletras@bol.com.br]

RESUMO

Com base na visão sociocognitiva de língua e na abordagem linguístico-conceitual de *frame*, analisamos, neste artigo, a desnotícia *Google nega ter apagado o Acre do serviço GoogleMaps*. Nosso objetivo foi desvelar o *frame* ACRE a partir das recategorizações que o objeto de discurso *o Acre* sofreu por meio das expressões nominais referenciais. Além disso, verificamos qual o *frame* ACRE nos textos da história desse estado e comparamos com o *frame* evocado na desnotícia, pois, segundo a abordagem da semântica de *frames*, a constituição de um *frame* é baseada nas experiências e conhecimentos de mundo das pessoas. Portanto, quando a desnotícia trata do Acre, ela faz com que o leitor conceba um *frame* para o Acre com base no que ele sabe sobre esse estado.

Palavras-chave

Frame; Recategorização; Desnotícia; Acre.

ABSTRACT

This paper presents, in a sociocognitive perspective and based upon frame linguistic-conceptual approach, an analysis about the desnotícia Google nega ter apagado o Acre do serviço GoogleMaps. Our aim was reveal the frame ACRE from recategorizations that discourse objects had through the nominal referential expressions. Besides it, we check how the frame ACRE is built in its historic texts and we compare with the frame ACRE in the desnotícia. According to the semantic frame approach, the frame constitution is based upon people experiences and world knowledge. Thus, as the desnotícia is about Acre, it gets the reader conceive a frame to Acre with base upon what he/she knows about this state.

Key-words

Frame; Recategorization; Desnotícia; Acre.

Introdução

Este estudo objetiva desvelar o *frame* ACRE na desnotícia *Google nega ter apagado o Acre do serviço GoogleMaps*, a partir do modo como o objeto de discurso *o Acre* (introduzido no título da desnotícia por meio de expressão nominal definida, sendo também a primeira categorização desse objeto) foi categorizado e recategorizado ao longo do *corpus*. Para tanto, tornou-se necessário nos embasarmos em um dos muitos conceitos para *frame*, que podem se dividir em duas abordagens: interacionista e socio-cognitivista. Dessas duas, a que melhor respondeu aos nossos interesses de análise foi a segunda.

A abordagem sociocognitiva de *frame* é estudada por Fillmore (1982) no texto *Frame semantics* e por Petruck (2006) no seu texto homônimo. Para essa abordagem, o *frame* é visto como hipóteses feitas pelos indivíduos a respeito do mundo ou dos estados de coisas no mundo, baseando-se na experiência de mundo dos sujeitos. É relevante ressaltar que trabalharemos com a noção de *frame* para compreendermos também a categorização e a recategorização do mesmo ao longo do *corpus* a ser analisado, haja vista que a compreensão do *frame* depende tanto do conhecimento de mundo quanto do processo de categorização. Além disso, ambos nos dão informações para interpretarmos quais *frames* o *corpus* evoca para o objeto de discurso *o Acre*.

O foco de análise deste estudo foram as expressões nominais referenciais que constituem o processo de referenciação do objeto de discurso *o Acre*. Acreditamos que as expressões nominais referenciais nos mostram como ocorreu a categorização e a recategorização desse objeto e nos fornecem dados para desvelar o *frame* ACRE na desnotícia, pois os autores fazem escolhas intencionais do léxico para compor o seu projeto de dizer.

Não obstante, consideramos relevante levar em conta o *frame* ACRE fora da visão da Desciclopédia (*site* no qual se encontram as desnotícias). Por isso, foi necessário fazer um estudo sobre a história desse Estado para sabermos qual o *frame* (ou os *frames*) possível(is) de ser(em) evocado(s) para ele na sociedade brasileira. Esse estudo foi feito nos sites UOL e Terra, que oferecem material de estudo específico para vestibulandos e são *sites* confiáveis, pois estão *online* há algum tempo e com informações bem aceitas pelos internautas. Os outros *sites* pesquisados foram o Portal do Governo do Acre, por ser por meio dele que o governo do Acre se divulga e divulga o Estado, e o *site* da Wikipédia, por ser a partir das informações contidas nela que a Desciclopédia existe.

1 Referencial Teórico

A partir da concepção sociocognitiva de linguagem, buscamos compreender o conceito de *frame* segundo a perspectiva de Fillmore (1982) e Petruck (2006) e o conceito de categorização a partir dos trabalhos de Mondada e Dubois (2003). Além disso, trabalhamos com o Processo de Referenciação, com ênfase nas expressões nominais referenciais que integram a estratégia de retomada.

Amparados na leitura de Koch e Cunha-Lima (2004), percebemos que, para se chegar a uma abordagem sociocognitiva da língua, foi preciso superar o pensamento dos cognitivistas clássicos, que se preocupavam com aspectos internos, mentais, individuais, inatos e universais. Para eles, a mente era algo separado do corpo, ou seja, havia a separação entre processos internos e externos. Porém, desde o final da década de 80, as pesquisas em cognição passaram a considerar que é impossível separar a mente do corpo e a mente do meio onde os processos acontecem. Fenômenos mentais não devem ser desvinculados dos fenômenos sociais. A partir dessa forma de pensar, passou-se a pregar que a cognição não acontece só dentro da mente, mas fora dela também.

A abordagem sociocognitiva concebe a língua como uma ação e como uma ação conjunta. Uma ação, pois ela, a língua, não é somente um sistema de regras; e uma ação conjunta porque o falante pressupõe o conhecimento prévio de seu ouvinte e as influências que ele trará ao seu projeto de dizer. Dizer que a língua é uma ação conjunta é afirmar que a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece em coordenação com os outros. Dessa forma, segundo Koch e Cunha-Lima (2004), as ações conjuntas se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente. Por isso, é preciso abordar a língua também como uma ação social e dar atenção ao estudo do contexto. Segundo as autoras, muitos autores, interessados no processamento cognitivo, estão procurando integrar perspectivas contextuais ao tratamento da cognição humana.

Um dos temas que os cognitivistas se interessaram em estudar foi o processamento textual, pois os textos são um material rico para análises. Quando se tentou explicar o processamento textual por meio do cognitivismo clássico, a partir de métodos automáticos, percebeu-se a ineficiência desse cognitivismo. Tornou-se necessário, então, conceber uma visão social da cognição, pois ficou evidente que o processamento de textos envolvia diversos aspectos interacionais e também conhecimentos sociais. A partir do momento em que a Linguística Textual incorporou os estudos das ciências cognitivas, foi possível que aquela desenvolvesse uma de suas principais

formulações: a de que nenhum texto é, ou poderia ser, completamente explícito. Isto é, a compreensão de um texto está quase totalmente apoiada nos conhecimentos partilhados:

Ativamos modelos de situação, expectativas sobre estados de coisas que nos guiam no processo de compreensão. Estes modelos, estruturas complexas que organizam o conhecimento, despertaram muita atenção da Linguística Textual e nas ciências cognitivas, recebendo nomes diversos, como, por exemplo, esquemas (Bartlett, 1933; Rumelhart, 1980); *frames* (Minsky, 1975); cenários (Sanford e Garrod, 1985), scripts (Schank e Abelson, 1977); modelos mentais (Jonhson-Laird, 1983); modelos experiências, episódicos ou de situação (Van Dijk, 1989, 1997). (KOCH; CUNHA LIMA, 2004, p. 292).

Esses modelos, segundo as autoras, nos permitem fazer as inferências necessárias ao longo do processamento textual. Entre todas essas nomeações para as estruturas complexas que organizam o conhecimento, neste trabalho, focaremos nos *frames*, segundo a concepção de Fillmore (1982) e Petruck (2006).

Fillmore (1982) concebe *frame* a partir da semântica de *frames*, baseado em uma abordagem conceptual. A Semântica de *Frames* é uma abordagem semântica, mas não da Semântica Formal, pois esta não considera nosso conhecimento de mundo e nossas experiências para a descrição de léxico. A abordagem de Fillmore (1982) oferece um modo particular de conceber o significado das palavras, pois uma palavra representa uma categoria de experiências, além de estar relacionada com esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos ou, ainda, hipóteses feitas pelos indivíduos a respeito do mundo ou estados de coisas no mundo. Logo no início de seu texto, Fillmore trata de *frame* da seguinte maneira:

By the term 'frame' I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. I intend the word 'frame' as used here to be a general cover term for the set of concepts variously known, in the literature on natural language understanding, as 'schema', 'script', 'scenario', 'ideational scaffolding', 'cognitive model', or 'folk theory'. (FILLMORE, 1982, p. 373).

Além dessa passagem, devemos salientar outra consideração importante sobre *frame*: como um sistema de categorias estruturadas de acordo com um contexto motivador. Esse “contexto motivador” é definido por Fillmore (1982) como alguma instância de entendimentos, um padrão de

práticas, que é relevante para a compreensão das categorias, pois o significado da palavra pode não ser completamente compreendido por alguém que não tenha conhecimento do que levou o autor a categorizar a palavra daquela forma. Ainda, percebemos a importância do *frame* no processo de compreensão de um texto, pois nesse processo estão envolvidas a recuperação ou percepção dos *frames* evocados pelo conteúdo lexical do texto.

A partir do que já foi exposto, daremos sequência aos conceitos que ainda precisamos abordar neste referencial, lembrando que, para se compreender o significado das palavras, além dos *frames* evocados por elas, é necessário se pautar no contexto de produção, nas experiências e nos conhecimentos das pessoas. Com base nesses pressupostos, portanto, concebemos a definição de categorização e recategorização dos objetos de discurso.

A partir da abordagem sociocognitiva de língua, definida no início deste texto, já não se fala mais em referentes, mas em objetos de discurso. Não se postula que o significado das palavras tenham relação direta com os objetos a que fazem referência no mundo; a língua não é mais vista como um sistema de etiquetagem. Com efeito, vê-se que o sentido vai sendo construído ao longo do discurso, por meio das categorizações que o objeto de discurso recebe e que são pautadas nas experiências de mundo e contextos em que o sujeito está inserido. Nas palavras de Marcuschi:

[...] a realidade mundana não está segmentada da forma como a concebemos e as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. As coisas ditas são coisas discursivamente construídas e a maioria de nossos referentes são “objetos de discurso.” (MARCUSCHI, 2007, p. 89).

Por isso, Mondada e Dubois (2003) concebem as categorias como instáveis, variáveis e flexíveis, mudando sincrônica e diacronicamente, pois as pessoas selecionam uma categoria ao invés de outra, dependendo do contexto, marcando, assim, a instabilidade delas. Fazendo referência a Sacks (1972; 1992), as autoras afirmam que:

A questão não é mais avaliar a adequação de um rótulo “correto”, mas de descrever em detalhes os procedimentos (linguísticos e sociocognitivos) pelos quais os atores sociais se referem uns aos outros – por exemplo, categorizando qualquer um como sendo um “homem velho”, em vez de um “banqueiro”, ou de um “judeu” etc., tendo em conta o fato de algumas destas categoriais poderem ter eventualmente consequências importantes para a integridade da pessoa. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 23).

Outro exemplo de categorização interessante usado pelas autoras é o do piano que “pode ser categorizado como um instrumento musical no contexto de um concerto, ou como um móvel pesado e incômodo no contexto de uma mudança.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 24). No processo de categorização dos objetos, o que percebemos, então, é que o locutor seleciona entre as tantas opções lexicais possíveis aquela que melhor se adequa ao que ele quer dizer sobre o objeto na situação em que ele se encontra. Assim, Mondada e Dubois asseveram:

Em termos de processos de categorização, pode-se dizer que uma categoria prototípica ou estereotípica é primeiro considerada como a base mais disponível e compartilhável para a comunicação; em seguida, são operadas modificações que fazem a entidade passar de um ponto central de seu domínio semântico para um ponto periférico, ou que provoca uma recategorização radical. Aqui ainda, a descrição adequada corresponde menos à última denominação proposta que ao percurso que liga as diferentes soluções propostas. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 32).

Entendemos, portanto, que o objeto de discurso vai sendo categorizado e recategorizado ao longo do processo de referenciação cada vez que o objeto é retomado; no caso deste estudo, retomado por meio de expressões nominais referenciais. Isso posto, é relevante entender como se manifestam e como são definidas as expressões nominais referenciais.

As expressões fazem parte dos estudos da Linguística Textual no que tange ao Processo de Referenciação. A Referenciação é definida como uma atividade discursiva que se desenvolve “no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22). Segundo Koch (2007), a referenciação consiste na construção e reconstrução de objetos de discurso que dão origem às estratégias de referenciação. São elas: introdução, retomada/remissão e desfocalização. O nosso interesse é investigar as expressões que constituem a estratégia de retomada e/ou remissão.

As expressões nominais referenciais são definidas “pelo fato de o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevante(s) para a viabilização de seu projeto de dizer.” (KOCH, 2007, p. 132). Quanto à forma como essas expressões se manifestam, podemos citar duas. A primeira tem como núcleo um nome, podendo ou não vir precedida por um determinante (exemplo: “Acre” ou “o Acre”). A segunda é precedida pelo determinante, seguida de modificador, nome e finalizada por outro modificador (exemplo: “aquela suposta região”). Esse determinante pode ser o artigo

definido (no caso de expressões nominais definidas), o pronome demonstrativo ou uma elipse. Já os modificadores podem ser adjetivos, sintagma preposicional e oração relativa, segundo Koch (2002).

A partir do que foi exposto, detalharemos a nossa metodologia de análise e em seguida procederemos à análise do nosso *corpus*.

2 Metodologia

A desnotícia *Google nega ter apagado o Acre do serviço GoogleMaps* foi selecionada a partir de um *corpus* de 42 desnotícias sobre o Acre, que fazem parte do *corpus* do projeto de pesquisa *Desnotícias sobre o Acre: a construção de humor e de identidades sociais*¹. O texto em questão atende ao objetivo deste estudo de desvelar o *frame* ACRE na desnotícia por meio do processo de (re)categorização do objeto de discurso *o Acre*.

O primeiro passo da análise foi entender qual(is) *frame(s)* ACRE é (são) possível(is) de ser(em) evocado(s) fora da visão do *site* da Desciclopédia, a fim de o contrastarmos com o *frame* evocado na desnotícia, o que nos possibilitou perceber diferenças e/ou semelhanças. Em vista disso, realizou-se uma pesquisa em textos de *sites* da internet sobre a história do estado do Acre (como já explicitado na introdução deste trabalho), como UOL e TERRA, que são destinados aos vestibulandos; no Portal do Governo do Acre e no *site* satirizado pela Desciclopédia, a Wikipédia. A partir deles, construímos uma tabela com os principais excertos que levam o leitor a conceber um *frame* ACRE e uma análise do *frame* construído a partir desses excertos.

Como se percebe, focamos nosso estudo no *frame* ACRE constituído por meio de textos históricos, já que o *frame* socialmente dissociado dele demandaria outras pesquisas, pois, acreditamos que a história desse estado ou outras informações sobre ele não são tão comuns entre as pessoas. Em seguida, esclarecemos para o leitor o que é a Desciclopédia, e o que são as desnotícias, para que, assim, ele identifique as características do texto que será lido. Se o leitor não conhecer o propósito da Desciclopédia, o leitor pode acreditar nas informações veiculadas por ela.

A terceira parte de nosso estudo contempla a análise efetiva da desnotícia, tendo como foco o objeto de discurso *o Acre*, introduzido no título, e as retomadas por meio das expressões nominais referenciais. Atentamos para as expressões nominais referenciais, porque cremos que propiciam mais

¹ Projeto de Pesquisa desenvolvido pela autora deste artigo no Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, financiado pela CAPES.

informações sobre o *frame* ACRE na desnotícia. Porém, isso não excluiu a possibilidade de selecionarmos outras informações importantes acerca desse objeto de discurso.

Por fim, temos as considerações finais, nas quais procuramos mostrar o que há de diferente ou não no *frame* ACRE na história do estado e na desnotícia, além de discutir a relevância das expressões nominais na análise da constituição de *frames*.

3 O Acre, a Desciclopédia e as desnotícias

3.1 O Acre

Para conhecermos um pouco mais da história do estado do Acre e a fim de verificarmos o *frame* construído nos textos sobre sua história, recorreremos à internet, pois acreditamos ser mais fácil encontrar pesquisas sobre esse estado do que definir qual o *frame* socialmente dissociado dele. Com isso, achamos os seguintes textos *on line* sobre a história desse estado: *História Política do Acre (I)* (para o site UOL), de Marcos Vinícius Neves, que faz parte do projeto de pesquisa *Levantamento Preliminar da História Político-Administrativa do Estado do Acre e Município de Rio Branco*, que recebeu financiamento do CNPq; uma coletânea de textos sobre o Acre escritos por Rodrigo Gurgelm (para o site TERRA), o artigo *Acre*, da Wikipédia, e a *História do Acre*, no Portal do Governo do Acre. Desses textos, selecionamos algumas partes que consideramos importantes para a construção do *frame* ACRE para a sociedade brasileira e construímos a tabela abaixo:

Tabela 1 – Excertos sobre a história do estado Acre

SITES PESQUISADOS	CONSTITUIÇÃO DO FRAME ACRE (excertos importantes que ajudam o leitor a constituir o frame Acre)
Site UOL	“Uma das principais características da sociedade acreana é o gosto que por aqui se cultiva pela política.” “O longo período como Território Federal [...]”

Site
TERRA

“[...] os poderes judiciário e legislativo foram sendo implantados de forma muito lenta e irregular aqui no Acre, sendo a esfera executiva o único poder ativo desde a criação do Território Federal do Acre, em 1904 [...]”.

“[...] havia sido anexado ao Brasil em novembro de 1903 [...]”.

“Entre fevereiro e abril de 1904 o Acre se viu organizado como Território Federal, ao invés de Estado como esperavam os acreanos [...]”.

“[...] o Território foi dividido em três Prefeituras Departamentais independentes entre si. O Departamento do Alto Acre, o Departamento do Alto Purus e o Departamento do Alto Juruá.”.

“Entre 1899 e 1903, o Brasil e a Bolívia, em vista da Questão do Acre - território boliviano penetrado por brasileiros que vinham atrás das seringueiras no tempo do ciclo da borracha - , por pouco não entraram em guerra aberta.”.

“[...] o caso do Acre fora a princípio de geografia e história, depois, uma questão de ordem política e econômica.”.

“Trinta e cinco anos antes de eclodir o problema do Acre, território que o Brasil reconhecia ser da Bolívia, o governo do império do Brasil assinara o Tratado de Ayacucho, em 1867, com aquele país no sentido de mais ou menos fixar áreas limítrofes em comum.”.

“Em 1882, fundaram o Seringal Empresa que mais tarde veio a ser a capital do Acre, rebatizada de Rio-Branco [...]”.

“A revolução dos transportes que andava a galope nos países Europeus e nos Estados Unidos, paralela à expansão da eletricidade, tinha fome por borracha, que naquela época saía toda ela da Amazônia, sendo que 60% era extraída do território acreano.”.

“[...] chega ao Acre o aventureiro Luís Galvez, dito “o Imperador do Acre” (apoiado por Ramalho Júnior, o governador do Estado do Amazonas), que decidiu proclamar um estado independente do Acre no dia 14 de julho de 1901.”.

“[...] os bolivianos estavam em tratativas de passar o controle do território do Acre para o Anglo-Bolivian Syndicate de Nova York, que tinha o milionário Withridge como seu acionista principal.”.

“O governador Silvério Nery, do Amazonas, o apoiou na sua intenção de organizar uma resistência efetiva contra os bolivianos e na conseqüente proclamação da segunda independência do Acre, anunciada no arraial de Xapuri no dia 7 de agosto de 1901.”

“Nos finais de janeiro de 1903, depois de um demorado sitio, Puerto Alonso, a última resistência boliviana no Acre, rendeu-se ao caudilho vindo do sul, proclamador da terceira independência do Acre.”

“Acordou-se então que o Brasil indenizaria a Bolívia com 2 milhões de libras esterlinas em troca de um território que incorporaria não somente o Acre inferior (142.000 km²), como o Acre superior (48.000 km²), rico em florestas e reservas de seringais.”

“As negociações, entre os legatários bolivianos e os brasileiros, iniciadas em julho de 1903, enceraram-se quatro meses depois com a assinatura solene do Tratado de Petrópolis no dia 17 de novembro de 1903. Consagrou-se como uma das maiores vitórias diplomáticas do Brasil visto que conseguiu incorporar ao território nacional, sem deflagrar guerra, uma extensão de terra de quase 200.000 km², que foi entregue a 60 mil seringueiros e suas famílias para que lá pudessem exercer as funções extrativas da borracha.”

Site
WIKIPÉDIA

“O Acre é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está situado no sudoeste da região Norte e tem como limites os estados do Amazonas a norte, Rondônia a leste, a Bolívia a sudeste e o Peru ao sul e oeste. Ocupa uma área de 152.581,4 km², sendo pouco menor que a Tunísia.”

“O Acre possui alguns apelidos: Extremo do Brasil, Estado das Seringueiras, Estado do Látex e Extremo Oeste.”

“Até o início do século XX o Acre pertencia à Bolívia. Porém, desde o princípio do século XIX, grande parte de sua população era de brasileiros que exploravam seringais e que, na prática, acabaram criando um território independente.”

“Em 17 de novembro de 1903, com a assinatura do Tratado de Petrópolis, o Brasil recebeu a posse definitiva da região. O Acre foi então integrado ao Brasil como território, dividido em três departamentos. O território passou para o domínio brasileiro em troca do pagamento de dois milhões de libras esterlinas, de terras de Mato Grosso e do acordo de construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.”

“Tendo sido unificado em 1920, em 15 de junho de 1962 foi elevado à categoria de estado, sendo o primeiro a ser governado por uma brasileira, a professora Iolanda Fleming.”

“Em 4 de abril de 2008, o Acre venceu uma questão judicial com o Estado do Amazonas em relação ao litígio em torno da Linha Cunha Gomes, que culminou no anexo de parte dos municípios de Envira, Guajará, Boca do Acre, Pauini, Eirunepé e Ipixuna. A redefinição territorial consolidou a inclusão de 1,2 milhão de hectares do complexo florestal Liberdade, Gregório e Mogno ao território do Acre, o que corresponde a 11.583,87 km².”

“Malgrado tal política, alguns poucos sertanistas brasileiros exploravam aquela região agreste e despovoada, desconhecendo se pertenciam ao Brasil, ao Peru ou à Bolívia.”

“O desejo da elite regional amazônica de incorporar essas terras ao Brasil desencadeou os conflitos armados que resultaram na criação passageira de um “Estado Independente do Acre”, sob o comando do espanhol Luis Galvez e o conflito conhecido como “Revolução Acreana”, liderado pelo gaúcho Plácido de Castro. O desfecho desta história se deu através da habilidade diplomática do Ministro das Relações Exteriores Barão do Rio Branco, com a anexação do Acre ao Brasil em 1903.”

“O Território do Acre permaneceu nessa condição política até a sua elevação a Estado em 1962.”

“O Acre é um dos 27 estados brasileiros. Ele é o 15º em extensão territorial, com uma superfície de 164.221,36 Km², correspondente a 4,26% da Região Norte e a 1,92% do território nacional.”

“Os primeiros habitantes da região eram os índios, até 1877, quando imigrantes nordestinos arregimentados por seringalistas para trabalhar na extração do látex, devido aos altos preços da borracha no mercado internacional, iniciaram a abertura de seringais. Este território, antes pertencente à Bolívia e ao Peru, foi aos poucos sendo ocupado por brasileiros.”

“A revolta dos brasileiros diante destas medidas resultou em conflitos que só tiveram fim com a assinatura do Tratado de Petrópolis em 17 de novembro de 1903, no qual o Brasil adquiriu o território do Acre.”

“Unificada a partir de 1920, a administração do Acre passou a ser exercida por um governador nomeado pelo Presidente da República. Até que em 15 de Junho de 1962 foi sancionada pelo Presidente da República João Goulart a Lei 4.070, que elevou o Acre a categoria de Estado. E em Outubro de 1962 foi eleito o primeiro governador do Estado do Acre, José Augusto de Araújo.”

3.1.1 Análise do frame Acre

Como já havíamos mencionado, segundo Fillmore (1982), o *frame* é um sistema de conceitos que se relacionam e, para compreendê-los, é preciso entender a estrutura na qual eles se encaixam, sendo que, quando um desses conceitos é introduzido no texto, todos os outros ficam automaticamente disponíveis. A partir disso, seguem abaixo algumas afirmações sobre o Acre nos textos que retomam a sua história:

- a) território boliviano penetrado por brasileiros que vinham atrás das seringueiras no tempo do ciclo da borracha;
- b) rico em seringais;
- c) área de imigrantes nordestinos arregimentados por seringalistas para trabalhar na extração do látex.
- d) território federal em 1903;
- e) a assinatura do Tratado de Petrópolis, o Brasil recebeu a posse definitiva da região;
- f) proclamado estado independente três vezes;
- g) elevado a Estado em 1962;
- h) a sua população gosta de política;
- i) uma das 27 unidades federativas do Brasil;
- j) apelidado de Extremo do Brasil, Estado das Seringueiras, Estado do Látex e Extremo Oeste.

Essas são informações que todos os *sites* pesquisados compartilham. Acreditamos que tais informações serão ativadas quando se falar do Acre para alguém que conheça o estado.

3.2 A Desciclopédia e as desnotícias

A Desciclopédia, *site* onde se encontram as desnotícias, é uma enciclopédia virtual² e consiste em uma sátira (como ela mesma sugere) da enciclopédia virtual Wikipédia³. Ambas são enciclopédias que podem ser editadas pelos usuários a qualquer momento, basta que estes estejam cadastrados e respeitem algumas normas de utilização. A Desciclopédia considera-se uma “enciclopédia livre de conteúdo e que qualquer um pode editar” e caracteriza as desnotícias como

[...] uma fonte de notícias livre e de grátis, feita por pessoas e animais como você em mais de 25 mil idiomas. Esta é a versão em língua portuguesa, falada em países subdesenvolvidos, no oeste da China, Isengard e por diversas pessoas em todo o mundo. O seu conteúdo pode ser modificado, impresso e distribuído livremente para os seus amigos, ou para que você possa os colorir, saiba como!⁴

Quando a Desciclopédia se denomina como “a enciclopédia livre de conteúdo e que qualquer um pode editar”, mostra-nos, por meio do jogo de palavras “livre de conteúdo”, como ela utiliza o humor para satirizar o *site* original, Wikipédia, que tem como slogan “a enciclopédia livre”. Porém, mesmo sendo o objetivo da Desciclopédia satirizar a Wikipédia, em muitos pontos ela mantém as características da sua fonte, principalmente no *layout*.

A Desciclopédia, então, apresenta-se da seguinte maneira: do lado direito da página encontramos o logotipo e o menu com os seguintes *links*: pesquisa, navegação (página principal, babel, página aleatória); colaboração (criar artigo, ajuda, página de testes, mudanças recentes, portal comunitário e ferro velho); (f)utilidades (boteco, A.A (ajuda), mesa de truco, regras, chat); destaques mensais; correlatos (desnotícias, descionários, deslivros, despoesias, desentrevistas, descitações, deslistas, desinopses, fatos, uncommons, unmeta); ferramentas (páginas afluentes, alterações relacionadas, páginas especiais, versão para impressão, link permanente, principais contribuidores) e outras línguas (um total de 52).

No topo da página, há o *link* de acesso ao cadastro do usuário, em seguida os *links*: artigo, discussão, ver código-fonte, histórico e atualizar. Em seguida as boas vindas ao *site* com a seguinte frase: “Bem-vindo(a) à Desciclopédia, a enciclopédia livre de conteúdo e que qualquer um pode editar”. Do lado esquerdo desse enunciado, encontram-se a hora, que não é compatível com

² www.desciclopedia.org

³ www.wikipedia.org

⁴ DESCICLOPÉDIA. *Desnotícias*: página principal. Disponível em: <www.desciclo.pedia.ws/wiki/Desnoticias:Página_principal>. Acesso em: 2 dez. 2013.



Figura 2: Layout da página inicial das desnotícias⁶

Como já mencionado, as desnotícias fazem parte da seção correlatos, tendo como objetivo satirizar as notícias já publicadas por mídias de renome. A desnotícia selecionada para este estudo é sobre o apagamento ou não do estado do Acre do serviço GoogleMaps da Google. Vale ressaltar que essa desnotícia faz parte de um *corpus* de 42 desnotícias sobre o Acre, presentes no *site* Desciclopédia, no período de 4 de abril a 13 de abril de 2011. O interesse pelas desnotícias relacionadas ao Acre é de ordem quantitativa, o que se justifica na medida em que, das 27 unidades da federação, foi o único a ter 42 textos⁷.

4 Desnotícia: Google nega ter apagado o Acre⁸ do serviço Googlemaps⁹

CHICAGO, BOSTON, OHIO, EUA – Ufólogos diziam que o Google Maps teria omitido informações sobre o *[hipotético] território do Acre*. Diretor do Google diz que a empresa nunca teve dados “suficientes” sobre a região.

⁶ Copiado do site no dia 28 de abril de 2011 às 23h21min

⁷ Esse dado é resultado da contagem das 3.077 desnotícias presentes na Desciclopédia no período de 04 de abril de 2011 a 13 de abril de 2011.

⁸ Os termos em itálico são todas as expressões nominais que fazem retomadas ao objeto de discurso *o Acre* introduzido no título da desnotícia.

⁹ Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Desnot%C3%ADcias:Google_nega_ter_apagado_o_Acre_do_servi%C3%A7o_GoogleMaps>. Acesso em: 21 abr. 2011.

O Google desmentiu ter apagado do aplicativo Google Maps dados dos mapas do Acre, como afirmam vários sites de Ufologia, e explicou que, na realidade, o Google nunca teve informação suficiente sobre *aquela suposta região*.

“Por que o Google Maps não mostra nenhuma *cidade ou estrada no Acre* ou nos vizinhos Bolívia e Santa Cruz? Bem, é que nunca lançamos cobertura *destes hipotéticos territórios* porque não estávamos satisfeitos, nem plenamente convencidos, dos dados disponíveis”. afirmou John Nomapper, gerente de produto do Google, no blog corporativo do site de buscas.

“Alguns de nossos clientes perguntaram se eliminamos informação *desse teritório*, em resposta às recentes ondas de pesquisas para saber se realmente *ele* existe, e posso assegurar que não é o caso. Os dados nunca estiveram no Google Maps”. acrescentou John Nomapper.

Mapa virtual

O Google Maps é um serviço que ~~quer dominar o mundo~~¹⁰⁸ oferece mapas online muito detalhados de quase todas as regiões do mundo.

Entre as poucas áreas que o Google Maps não cobre está *a região do Acre*, países pequenos como Krakozhia, outros fechados aos estrangeiros como a China, e algumas surpreendentes exceções, como Coréia do Sul ou Argentina.

No entanto, o Google Earth, outro serviço da empresa que ~~quer dominar o mundo~~ oferece imagens aéreas de grande parte do mundo, mostra fotos da República das Bananas e permite, inclusive, distinguir edifícios de algumas de suas cidades, embora *a cidade de Rio Branco* realmente nunca tenha sido vista no software.

Provas de que o Acre não existe

Agora pense você mesmo:

– Quantos Amazonenses você conhece? (responda essa pergunta considerando o tamanho do Amazonas)

– Agora quantas pessoas que vieram do “Acre você conhece”?

– Qual é o prato típico do “Acre”? (Seria o prato de Acrílico?)

– Quem vem do Acre é o que? (Acreditável?)

Muito provavelmente você já percebeu onde queremos chegar... Não, *o Acre não existe, ele* é apenas uma invenção do governo a fim de esconder

10 Esse tipo de marcação é um recurso do texto da desnotícia.

uma area secreta onde estão mantidas as tampas de caneta bic (perdidas), os politicos honestos e os Chesters

Muitos usuários do Software google Maps disseram econtrar uma tarja preta em cima *do suposto local onde deveria estar o “Acre”* ... o governo brasileiro foi quem pagou uma grande fortuna para colocarem essa tarja preta para não acabar com essa mentira que vem sendo mantida a anos.

“A verdade sobre o “Acre”!” Funcionario Google sobre a existencia do “Acre”

4.1 A Constituição do frame Acre na desnotícia

A fim de desvelarmos o *frame* evocado para o Acre na desnotícia acima, tomamos como foco de análise as expressões nominais referenciais que constituem o processo de referenciação do objeto de discurso *o Acre*. Para tanto, temos como ponto de partida a introdução e também primeira categorização do objeto de discurso *o Acre* no título da desnotícia e todas as retomadas a ele por meio das expressões nominais, dando origem ao seguinte processo de referenciação: O Acre → o [hipotético] território do Acre → a região → aquela suposta região → cidade ou estrada no Acre → destes hipotéticos territórios → desse território → ele → a região do Acre → a cidade de Rio Branco → o Acre não existe → o suposto local onde deveria estar o “Acre” → A verdade sobre o “Acre”

Observamos, nesse processo de referenciação, que a primeira categorização do objeto de discurso aconteceu por expressão nominal definida sem conter nenhum modificador, somente o artigo definido e o nome do estado. Porém, no corpo da desnotícia o(s) autor(es) recategoriza(m) o objeto de discurso, acrescentando modificadores, possibilitando a constituição do *frame* ACRE para os leitores desse texto. Esses leitores irão ativar outros *frames* (pois *frames* evocam *frames*) sobre o estado do Acre e, assim, começarão a fazer as comparações pertinentes entre o que eles já sabem sobre o estado e o que está sendo posto pela desnotícia.

Além das expressões nominais referenciais, que nos mostram como o objeto de discurso foi categorizado e recategorizado, consideramos relevante levar em conta outros dados sobre esse objeto, também presentes no *corpus* analisado, mas que não integram a estratégia de retomada ao objeto *o Acre*. Estes dados são: *Agora quantas pessoas que vieram do “Acre” você conhece“?*, *Qual é o prato tipico do “Acre“?* (*Seria o prato de Acrílico?*), *Quem vem do Acre é o que?* (*Acreditável?*), *A verdade sobre o “Acre”*, além de, na desnotícia, ser evidente que quem está questionando o Google Maps quanto às informações

sobre o Acre são ufólogos: *Ufólogos diziam que o Google Maps teria omitido informações sobre o [hipotético] território do Acre.* Novamente o leitor ativará seus conhecimentos prévios sobre o Acre e evocará os *frames* necessários para a interpretação desses dados, refletindo não apenas sobre as perguntas e respostas que a desnotícia faz, mas também sobre a questão de serem ufólogos a questionarem a existência do estado; pois, como se sabe, a ufologia estuda os extraterrestres que ninguém sabe ao certo se realmente existem.

A partir, portanto, das expressões nominais referenciais e dos outros dados considerados importantes, podemos asseverar que a desnotícia analisada evoca o seguinte *frame* para o Acre:

- a) hipotético território;
- b) suposta região;
- c) Rio Branco, como não sendo a capital, simplesmente uma cidade como as outras;
- d) o Acre não tem um local definido para estar;
- e) o Acre não têm habitantes, nem prato típico;
- f) a procura pela verdade sobre esse estado;
- g) o Acre não existe.

Após essa constituição do *frame* ACRE para a desnotícia, questionamos o porquê de ora o Acre ser categorizado como território, ora como região. A fim de responder a essa nossa dúvida, nos embasamos nas definições do Dicionário Houaiss e nos textos presentes no anexo sobre a história desse estado.

Definição de território para o Dicionário Houaiss:

1. grande extensão de terra
2. área de município, distrito, estado, país etc.
3. área de uma jurisdição
4. a própria jurisdição
5. no Brasil e nos E.U.A., região que, não constituindo um estado, é administrada pela União
6. Rubrica: termo jurídico.

Extensão ou base geográfica do Estado, sobre a qual ele exerce a sua soberania e que compreende todo o solo ocupado pela nação, inclusive ilhas que lhe pertencem, rios, lagos, mares interiores, águas adjacentes, golfos, baías, portos e tb. a faixa do mar exterior que lhe banha as costas e que constitui suas águas territoriais, além do espaço aéreo correspondente ao próprio território

7. Rubrica: ecologia.

Área que um animal ou grupo de animais ocupa, e que é defendida contra a invasão de outros indivíduos da mesma espécie

Definição de região para o dicionário Houaiss:

1. vasta extensão de terreno

2. grande extensão do território de um país, de um continente etc., que se distingue das demais por suas características físicas, administrativas, econômicas, políticas

3. Rubrica: biogeografia.

Qualquer grande território mundial caracterizado por um alto percentual de flora ou fauna endêmica

4. Rubrica: fitogeografia.

conjunto de províncias que apresentam vegetação semelhante em aspecto ou fisionomia

5. Rubrica: anatomia geral.

Cada uma das partes em que se considera dividido o corpo humano

6. Rubrica: matemática.

Porção de uma superfície (ou do espaço) limitada por linhas (ou por superfícies)

7. Rubrica: geofísica.

Cada uma das partes em que se divide a atmosfera

De todas as definições elencadas para a definição de território, a que melhor responde ao nosso questionamento é: “no Brasil e nos E.U.A., região que, não constituindo um estado, é administrada pela União”, pois, como relatam os textos sobre a história do Acre, ele foi anexado ao Brasil no começo do século XX, permanecendo como território federal até 1962, quando foi elevado a estado. Já a definição de região que consideramos relevante é: “qualquer grande território mundial caracterizado por um alto percentual de flora ou fauna endêmica”, que faz jus ao estado do Acre, que tem grande presença da Floresta Amazônica. Percebemos, então, que as duas definições se diferenciam e só fazem sentido para aqueles que, além de saberem disso, também têm acesso à história e à geografia do estado do Acre, porque, como é sabido, para a semântica de *frames*, tudo depende das experiências e conhecimentos de mundo das pessoas, pois *frames* evocam outros *frames*.

Considerações finais

Chamaremos esta seção de “Algumas considerações finais”, pois acreditamos que seja necessário realizar ainda a análise de todas as desnotícias que compõem o *corpus*¹¹⁹ a fim de verificarmos se o *frame* evocado na desnotícia analisada se confirma nas outras desnotícias, mas isso vai além do objetivo deste estudo. Mesmo sem analisarmos todo o *corpus*, foi possível constituir o *frame* ACRE a partir da visão dos textos históricos sobre esse estado e a partir da visão da Desciclopédia por meio de uma desnotícia.

Com o processo de referenciação, com as (re)categorizações do objeto e com os dados extras que identificamos, percebemos que a desnotícia tende a desqualificar o estado do Acre, concebendo-o como o estereótipo de um estado não existente, sem importância para a sociedade brasileira. Isso acontece, primeiro, porque ela é um texto humorístico e, segundo, porque a desnotícia pode ser escrita por pessoas que desconheçam realmente a história do Acre e, por isso, tomam seus conhecimentos sobre ele como verdadeiros, constituindo, portanto, tal *frame* para o estado. Acreditamos, ainda, ser pouco provável alguém acreditar no que é posto pela desnotícia, já que ela se apresenta como um *site* de humor. Isso é bem diferente do pretendido pelos textos históricos, que relatam os conflitos entre o Brasil e a Bolívia para tomarem posse do Acre e, mais tarde, a luta do Acre para deixar de ser um Território Federal e ser elevado a estado, ou seja, esses textos evocam um outro *frame* para o Acre, com um *status* de importância bem maior.

Outra constatação importante deste nosso estudo foi verificar que as expressões nominais referenciais são um material linguístico rico em informações para a constituição de um *frame*, pois, na sua formação, o(s) autor(es) seleciona(m) o léxico intencionalmente, deixando, na maioria das vezes, suas experiências e conhecimentos sobre o objeto que está retomando. Isso se justifica, pois a expressão nominal não é constituída só de artigo definido ou indefinido e o nome, mas vem acompanhada por modificadores, como percebemos na categorização e recategorização no processo de referenciação da desnotícia, o que nos permite resgatar, via análise, o *frame* do objeto que está sendo construído discursivamente.

11 *Corpus* do projeto de mestrado em andamento da autora deste artigo

Referências bibliográficas

DESCICLOPÉDIA. *Google nega ter apagado o Acre do serviço GoogleMaps*. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Desnot%C3%ADcias:Google_nega_ter_apagado_o_Acre_do_servi%C3%A7o_GoogleMaps>. Acesso em: 2 nov 2011.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: ____: *The Linguistic Society of Korea*. Soeul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

GURGELM, Rodrigo. *Brasil X Bolívia: a guerra evitada*. Educação Terra. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2003/11/12/001.htm>>. Acesso em: 1 nov 2011.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva. Versão 1.0, dezembro de 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação. In: _____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. A. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Antônio Luiz. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-51.

NEVES, Marcos Vinícius. *História Política do Acre (I)*. Página 20. Disponível em <http://pagina20.uol.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10205&Itemid=24>. Acesso em: 1 nov. 2011.

PETRUCK, M. *Frame semantics*. Berkeley: University of California. s/d.

Sobre o Acre. Portal do governo do Acre. Disponível em: <<http://www.ac.gov.br/wps/portal/acre/Acre/estado-acre/sobre-o-acre>>. Acesso em: 1 nov. 2011.

WIKIPÉDIA. Acre. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Acre> Acesso em: 1 nov. 2011.